

Os objetivos que circundam a criação de um museu devem coincidir com sua função social, bem com

# O PASSADO NO PRESENTE

## MEMÓRIA DE SANTA CRUZ É RECUPERADA COM RESTAURAÇÃO DE CASARÃO QUE VIROU MUSEU HISTÓRICO

**P**or que restaurar o Casarão? Qual a importância desse patrimônio? Por que a luta da comunidade por esse restauro? Quais as suas memórias e identidades? Considerando estes questionamentos e tendo em vista pontuar algumas reflexões sobre os mesmos, destaco que Casarão é a forma metafórica de nominar o prédio que é muito mais que um espaço físico, mas sim uma “entidade moral” repleta de memórias, emoções, desejos e significados.

O Casarão é uma casa grande que acolheu, e continua acolhendo, muitos acontecimentos. O espaço traz consigo memórias que possibilitam exaltar múltiplas identidades. Traz o elo entre passado e o presente através das lembranças, possibilitando aos sujeitos a percepção de sua finitude. A saber, a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. (Bosi, 2003)

E assim, este texto traz uma narrativa que evidencia a relevância da memória social na constituição dos registros históricos capixabas. Exalta o quanto a sua recuperação, mais que a transmissão de tradições, possibilita a comunicação entre gerações, mostrando como experiências e fatos podem ser lembrados e conhecidos. Assim, o valor da história, da memória e da tradição que faz perdurar valores e crenças também incide na preservação de bens culturais.

A preservação de um bem cultural se articula ao seu conhecimento e ao seu uso social. Contudo, não é suficiente contar a sua história sem associá-lo aos aconte-

cimentos; estes, por serem circunstanciais, são singulares, ao mesmo tempo em que se tornam múltiplos quando rememorados na dimensão do coletivo.

O Casarão é um importante bem cultural de Santa Cruz, um produto da atividade humana numa determinada época, com o reconhecimento social de um valor que deve ser preservado, tendo em vista seus aspectos, estético e histórico. É uma obra considerada única e insubstituível passível de restauração.

A narrativa que aqui se apresenta traz relatos cheios de subjetividade. Trata pontualmente do tempo em que o Casarão funcionou como Correios e Telégrafos, onde o senhor Olival Coutinho Silva, 80 anos, relata as suas experiências quando gerenciou a instituição em Santa Cruz, atuando como telegrafista e agente postal. Em suas narrativas, exalta as ocupações do Casarão em sua temporalidade e comenta que o prédio abrigou algumas instituições públicas, como Coletoria Estadual e Federal, Fórum, Câmara, Cadeia, Cartório, sendo a sede da municipalidade. Conta, ainda, que o local funcionou como salão para bailes de carnaval e também como posto de telefonia. Em período simultâneo abrigou o jardim de infância Oscar Calmon e as instalações dos Correios e Telégrafos. Portanto, o patrimônio contém importante memória institucional, cultural e afetiva.

Ao socializar a sua memória do trabalho, observou-se que ela atinge a coletividade e capta o grupo do qual faz parte. Conta que as instalações anteriores dos Correios e Telégrafos funcionavam próximo à Igreja e à Praça da Matriz numa casa antiga em precárias condições, havendo goteiras sobre o aparelho de telegrafia, com risco iminente de a instituição ser fechada. E foi assim que,

*Conhecer o universo cultural de Santa Cruz colabora com sua valorização e constituição da identidade local”*

no final de 1969, ele solicitou ao prefeito, Primo Bitti (1969-1971), que cedesse uma parte do espaço do Casarão para a transferência da agência.

Na ocasião o prédio passara por reformas e encontrava-se vazio. Então, após a permissão do prefeito e com conhecimento do Diretor Geral do Departamento de Correios e Telégrafo de Vitória (DCT), relata que a mudança foi realizada. Também foi necessário transferir à nova sede os 6 fios com as linhas telegráficas que comunicavam Vitória com o Norte do Estado. Para coordenar esse trabalho, foi convocado o chefe de linha, Sr. Wilson Cavatti. E, assim, instalou-se ao lado da

edificação um poste telegráfico de origem inglesa, que por muitos anos foi o responsável pela distribuição das linhas e cruzetas necessárias à comunicação com a Capital (o poste de ferro permanece no mesmo local desde essa ocasião).

Prosseguindo em suas narrativas, o antigo funcionário diz que até meados dos anos 80 um importante serviço de comunicação da Região Norte do Espírito Santo funcionou na agência dos Correios e Telégrafos de Santa Cruz, com recebimento de cartas, telegramas, telégrafos, postagens e encomendas. Mas, após esse período, permaneceram nos Correios, até, os anos 90, apenas postagens e recebimento de cartas. Ainda comenta que no tempo presente há apenas um posto dos Correios, não sendo mais possível nenhum tipo de realização de postagens como as anteriores.

Desse modo, considerando a memória oral do telegrafista, compreende-se que essas lembranças coincidem com as mudanças nas telecomunicações no país, que aos poucos se transformaram proporcionando outros meios condizentes com a atualidade. Além disso, remete à história da cidade e suas descontinuidades, indicando que mais uma vez o local sofre com o processo de isolamento iniciado desde a década de 1940, com a falta de investimentos públicos, deslocamentos econômicos e interesses políticos.

Ao falar do passado, o narrador não descansa de suas lidas cotidianas e descreve que havia muito serviço na agência, embora a cidade fosse pequena. Relata que acordava cedo para coordenar o trabalho de exame de linhas realizado pelos “guardas de linha” e muitas vezes, às 6 ➤

## no com as possibilidades de ação entre patrimônio, desenvolvimento local e intervenção comunitária

CARLOS ALBERTO RIBEIRO/DIVULGAÇÃO



O Casarão onde funcionou a Casa de Câmara e Cadeia é desde o último dia 13 o Museu Histórico de Santa Cruz

➤ horas, tinha que ir até a agência verificar as mensagens telegráficas recebidas com todo tipo de conteúdo. Em seguida, efetuava a transmissão das mesmas de forma resumida por código Morse aos locais mais distantes, como Conceição da Barra e São Mateus. As mensagens para localidades próximas como Barra do Riacho, Vila do Riacho, Regência e Nova Almeida eram realizadas pelo aparelho de telefone da instituição.

Os conteúdos das mensagens recebidas em Morse eram referentes a notícias pessoais, como felicitações, nascimentos, falecimentos, recados de amor, além de diversos comunicados vindos de Minas Gerais de proprietários de casas de veraneio em Nova Almeida, avisando de sua chegada ou solicitando cuidados e a manutenção em seus imóveis.

O senhor Olival trabalhou na agência dos Correios e Telégrafos por 11 anos, sendo 9 nas instalações do Casarão. Ele era autodidata em código Morse e descreve que aprendeu o ofício de telegrafista observando a atividade do seu primo, Sr. Almir Bittencourt. Descreve que costumava frequentar os Correios a fim de contribuir com o trabalho de sua tia paterna que era agente postal, Sra. Clarice Carvalho Silva, muito conhecida em Santa Cruz como Dona Cici.

E foi assim que devido a sua experiência e familiaridade com o trabalho dos Correios, no início dos anos 60, foi contratado para fazer uma substituição em Santa Maria de Jetibá, onde permaneceu por 4 meses. Após esse tempo se fixou na agência central com sede em Vitória por 6 anos, e só posteriormente, em 1967, retornou a



Santa Cruz, totalizando 17 anos de serviços prestados aos Correios e Telégrafos.

Além de Olival Coutinho Silva, outros santa-cruzenses contribuíram com os serviços dos Correios quando este funcionou no Casarão. Dentre estes destacamos Sr. Arildo Martins Carvalho, Sr. Arnaldo Cabral, Sra. Luiza Cabidelli e Sr. Jamil Faustino (in memoriam).

A narrativa que aqui se tratou lida com memórias e lembranças de um antigo morador de Santa Cruz, considerando o “passado no presente” e a ideia dos marcos da cidade como pistas para as lembranças, e, então a partir daí, exalta as transformações ali ocorridas num determinado momento da sua trajetória de vida. “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada

variante torna a se atualizar”.

### Imperador

Por muito tempo pensou-se, e algumas narrativas de moradores confirmam, que o Casarão serviu de hospedaria ao Imperador Pedro II, em 1860, quando visitou a vila. Entretanto, a construção da casa somente iniciou em 1862, o que não coincide com a visita imperial. “A obra foi efetivada graças ao empreendimento de importantes esforços por parte de deputados provinciais, do próprio governo, de autoridades judiciárias e dos moradores”, levando 14 anos para ser concluída em virtude das dificuldades de arrecadação de recursos. (Conde, SECULT/GMP, 2014).

Portanto, o Casarão onde funcionou a Casa de Câmara e Cadeia e instalou-se o Museu Histórico de Santa Cruz no dia 13 de março de 2015 é um importante patrimônio do Estado. Segundo, estudos do historiador da Gerência de Memória e

Patrimônio Estadual, Bruno S. Conde, o prédio figurava como uma importante edificação na Vila de Santa Cruz, destacando-se pela elegância e proeminência da obra em relação às simples construções de taipa do local, no século XIX.

O restauro do Casarão é fruto da parceria entre o Instituto Sincades (Instituto de Ação Social e Cultural), a Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e o município de Aracruz. Destaca-se nesse processo de restauração a forte contribuição de movimentos da comunidade que não mediram esforços em sua luta. O reconhecimento da relevância histórica e das representações simbólicas da edificação levou à realização de variadas ações socioculturais, com objetivos de dar visibilidade à recuperação do patrimônio abandonado.

Os eventos se caracterizaram pela perspectiva da valorização e proteção da cidade enquanto “documento”, à medida que é na cidade que as relações entre os sujeitos acontecem de forma diversificada e intensa, resultando no processo coletivo de construção desses espaços, bem como da reprodução social.

Diante do exposto, os objetivos que circundam a criação de um museu devem coincidir com sua função social, bem como com as possibilidades de ação entre patrimônio, desenvolvimento local e intervenção comunitária, considerando que este é um empreendimento coletivo e cooperativo, e não deve ser separado da vida para não se restringir a interesses hegemônicos.

A concepção atual de museologia privilegia a associação com os movimentos de cada localidade. E para fazer sentido no contexto em que está inserido, se conectar aos sujeitos (moradores) e ter vivacidade, esse patrimônio restaurado deve ser compreendido como recurso para o desenvolvimento do lugar, com valorização das diversas manifestações culturais, modos de vida e saberes da região, através da educação e senso de responsabilidades. Além do mais, a memória deve ser valorizada e apreendida como forte componente na construção de políticas públicas, à medida que mantém vínculos com o passado, com as tradições e as experiências.

Sobretudo, um empreendimento como esse deve ter gestão participativa, não só de usos, porém na identificação e promoção do patrimônio, sendo possível ampliar as redes de discussões, onde diversos critérios possam dialogar e garantir a preservação da diversidade e das diferenças.

Nesse sentido, resgatar a dinâmica e a diversidade dos modos de usos de lugares e espaços da cidade implica exercitar o olhar antropológico, e compreender os dilemas e possibilidades que os caracterizam “de perto e de dentro”, a partir do olhar do nativo.

Para finalizar, vale ressaltar que conhecer o universo cultural de Santa Cruz colabora com a sua valorização e constituição da identidade local, elementos capazes de promover maior integração da comunidade e fundamentais no sentido de viabilizar alguns desejos coletivos de cidadania.